CADERNO DE EVIDÊNCIAS

ALFABETIZAÇÃO NO RIO GRANDE DO SUL

FRENTE AOS CHOQUES DA PANDEMIA E DAS ENCHENTES DE 2024

CENTRO DE EDUCAÇÃO BASEADA EM EVIDÊNCIAS – CEBE

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO – SEDUC

Abril de 2026

GOVERNO DO ESTADO
RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO

EXPEDIENTE

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

Governador: Eduardo Leite
Vice-Governador: Gabriel Souza

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO

Secretária: Raquel Teixeira
Secretária Adjunta: Stefanie Eskereski
Diretora-Geral: Iracema Keila Castelo Branco
Coordenador do CEBE: Guilherme Simionato
Pesquisadores responsável: Paulo Marcos Ribeiro

EQUIPE TÉCNICA — CENTRO DE EDUCAÇÃO BASEADA EM EVIDÊNCIAS

Amanda Laís Stibbe Lunardi
Bruna Freitas dos Santos
Carol Pereira Santos
Damallys de Assis Oliveira
Danielle Campos
Eduarda dos Reis Barcellos
Edyr de Jesus Alves Pereira
Fabiano Antunes
Gabriel Canofe Costa
Laura Eduarda Mallmann Kieling
Leonardo Bruno Afonso da Silva
Maria Augusta Kämpf Magadan
Nikolas Weige
Samarina Sodré Galeão da Rosa

COMO CITAR ESTA PUBLICAÇÃO

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria da Educação. Centro de Educação Baseada em Evidências (CEBE). Caderno de Evidências — Alfabetização no Rio Grande do Sul: os choques da pandemia e das enchentes de 2024. Porto Alegre: Seduc-RS, 2026.

SOBRE OS DADOS

Publicação elaborada exclusivamente a partir de dados agregados de avaliações educacionais oficiais (ICA, SAEB, SAERS) e de pesquisas domiciliares (PNAD Contínua/IBGE), em conformidade com a LGPD (Lei nº 13.709/2018).

Porto Alegre — Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

Apresentação 1

As 16 evidências 2

- O tamanho do choque 2
- Habilidades: o que caiu e o que resistiu 4
- O paradoxo da percepção 6
- Desigualdades e territórios 7

Conclusões 11

Recomendações 12

- Curto prazo (até 1 ano) 12
- Médio prazo (1 a 3 anos) 12
- Longo prazo (3 a 6 anos) 12
- Medidas estruturais 13

Apresentação

Dezesseis evidências sobre os efeitos da pandemia e das enchentes de 2024 na alfabetização das crianças gaúchas.

Este Caderno de Evidências reúne, em formato de consulta rápida, os achados mais relevantes do estudo do CEBE/Seduc-RS sobre o desempenho em alfabetização no Rio Grande do Sul à luz de dois choques sucessivos: a pandemia de Covid-19 e as enchentes de maio de 2024, o maior desastre climático da história recente do estado.

Cada evidência é apresentada com o gráfico que a sustenta, organizada em quatro eixos: o tamanho do choque, as habilidades afetadas, o paradoxo da percepção e as desigualdades territoriais. Ao final, o caderno consolida as conclusões do estudo e organiza as recomendações por horizonte de implementação.

SOBRE OS DADOS

As análises combinam o Indicador Criança Alfabetizada (ICA), o SAEB e os microdados do MEC/INEP, o Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar do RS (SAERS), a PNAD Contínua (IBGE) e a tipologia de impacto das enchentes proposta por Barbosa e Costa (2025). São apresentados apenas dados agregados de avaliações e pesquisas oficiais.

Salvo indicação em contrário, os gráficos deste caderno são de elaboração própria do CEBE, a partir dos dados e microdados do MEC/INEP (SAEB/ICA), do SAERS e da PNAD Contínua (IBGE).

CAPÍTULO 1

As 16 evidências

Os achados centrais do estudo, organizados em quatro eixos temáticos, cada um com o gráfico que o sustenta.

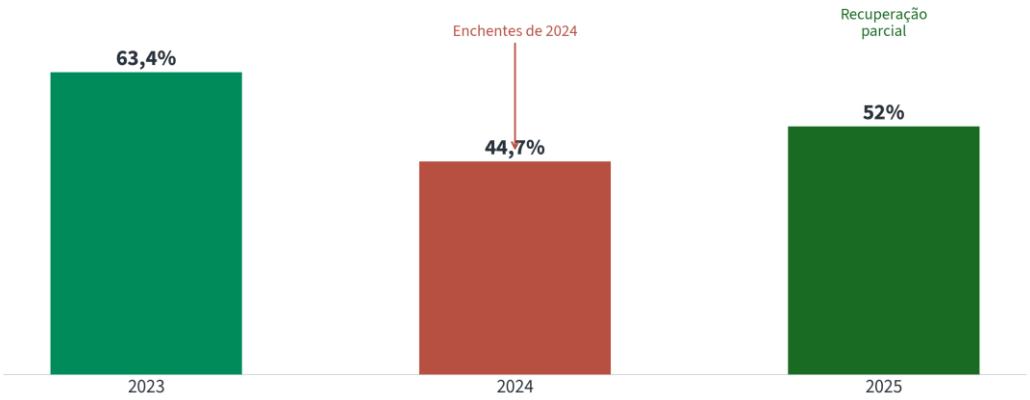
O tamanho do choque

As enchentes de 2024 provocaram um retrocesso educacional superior ao da pandemia.

EVIDÊNCIA 1

As enchentes derrubaram a alfabetização a um piso inédito. Após atingir 63,4% de crianças alfabetizadas em 2023, o RS registrou queda abrupta para 44,7% em 2024 — retrocesso superior ao da pandemia —, seguida de recuperação parcial para 52% em 2025.

GRÁFICO 1 **Percentual de crianças alfabetizadas ao final do 2º ano do Ensino Fundamental — ICA, Rio Grande do Sul (2023–2025)**

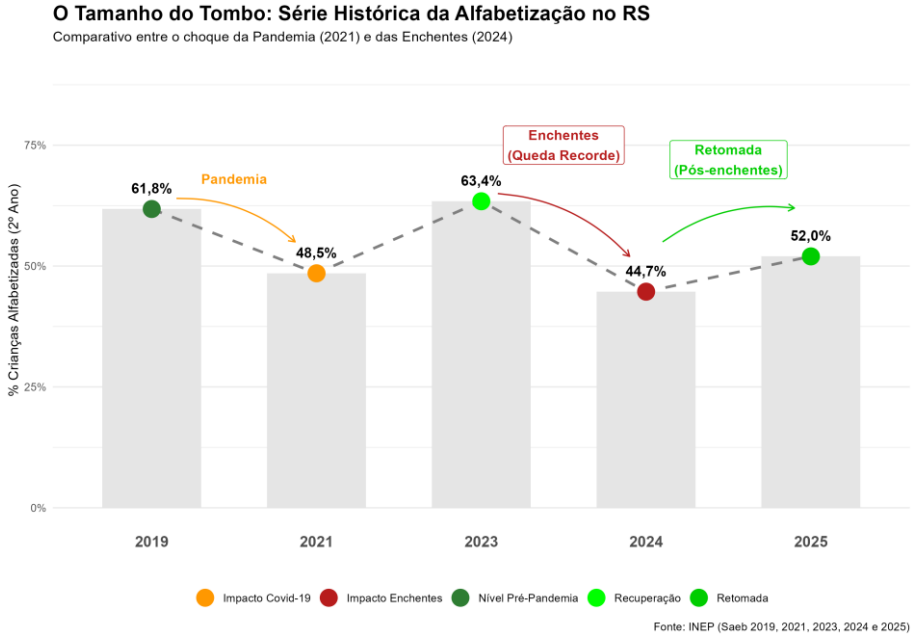


Fonte: MEC/INEP — Indicador Criança Alfabetizada (ICA)

EVIDÊNCIA 2

A série histórica mostra dois choques em quatro anos. O estado vinha em trajetória de recuperação pós-pandemia quando as enchentes reverteram todos os ganhos: evidências do CEBE indicam perda média de 15,35 pontos na proficiência das crianças do 2º ano do Ensino Fundamental.

GRÁFICO 2 **Série histórica da alfabetização no RS — comparativo entre o choque da pandemia (2021) e o das enchentes (2024)**

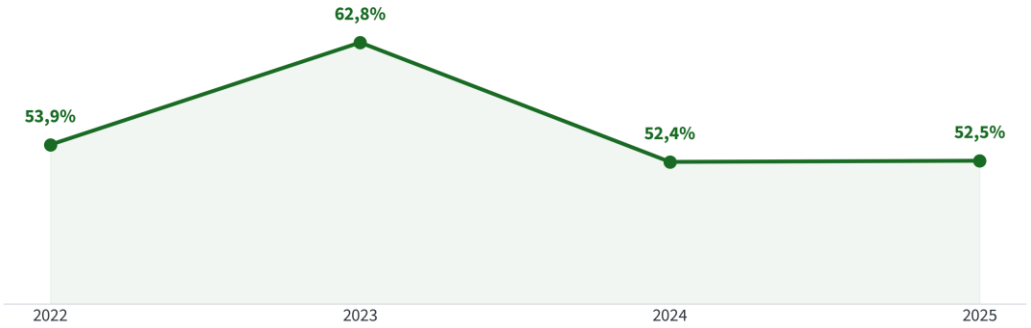


Fonte: Elaboração própria a partir dos dados e microdados do MEC/INEP (Saeb)

EVIDÊNCIA 3

O SAERS confirma o mesmo padrão do indicador nacional. A avaliação estadual censitária registra o pico de 62,8% de estudantes alfabetizados em 2023, a queda para 52,4% em 2024 e a estagnação em 52,5% em 2025 — espelhando o comportamento do ICA.

GRÁFICO 3 **Evolução do percentual de estudantes alfabetizados no 2º ano do Ensino Fundamental — SAERS, rede pública (2022–2025)**

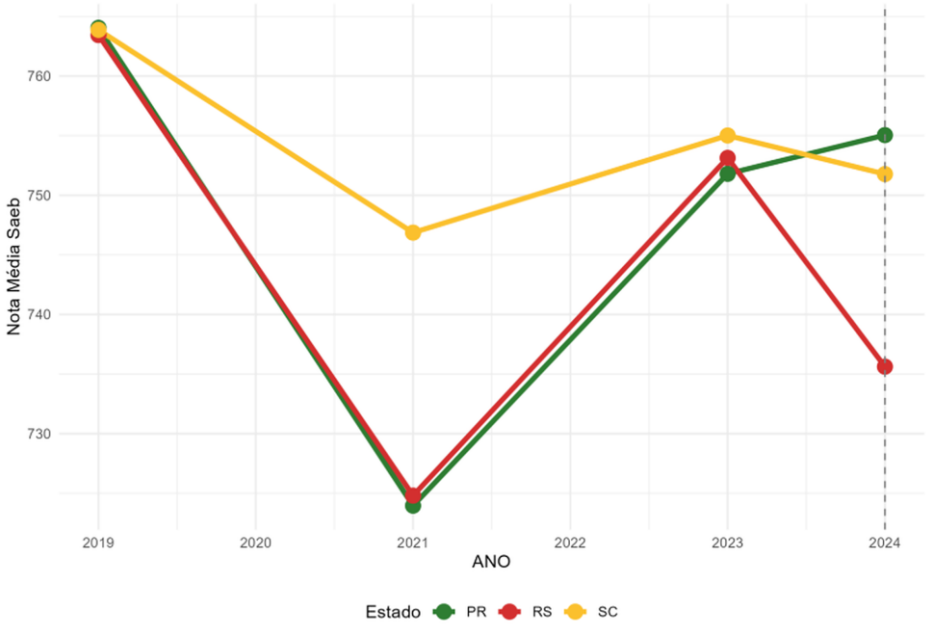


Fonte: SAERS

EVIDÊNCIA 4

Na comparação com o Sul, o RS destoa — e só ele. PR, SC e RS seguiam trajetórias similares de proficiência até 2023. Em 2024, apenas o RS cai. O Banco Mundial estima perdas de 0,36 a 0,9 ano escolar de aprendizagem nas regiões mais atingidas, alcançando 99 escolas e 37 mil estudantes.

GRÁFICO 4 **Proficiência média no 2º ano do Ensino Fundamental — RS, SC e PR (microdados Saeb, 2019–2024)**



Fonte: Elaboração própria a partir dos microdados do MEC/INEP (Saeb)

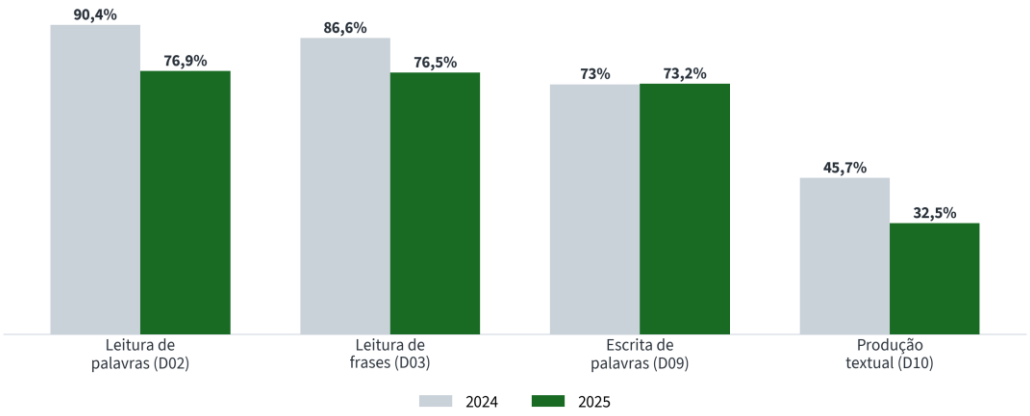
Habilidades: o que caiu e o que resistiu

O choque não foi homogêneo entre habilidades — as competências mais complexas foram as mais atingidas.

EVIDENCIA 5

A leitura recuou; a produção textual desabou. Entre 2024 e 2025, a leitura de palavras caiu de 90,4% para 76,9% e a leitura de frases de 86,6% para 76,5%. A escrita de palavras manteve-se estável (73,0% para 73,2%), mas a produção textual despencou de 45,7% para 32,5%.

GRÁFICO 5 **Percentual de acerto por habilidade no 2º ano do Ensino Fundamental — SAERS, edições 2024 e 2025**

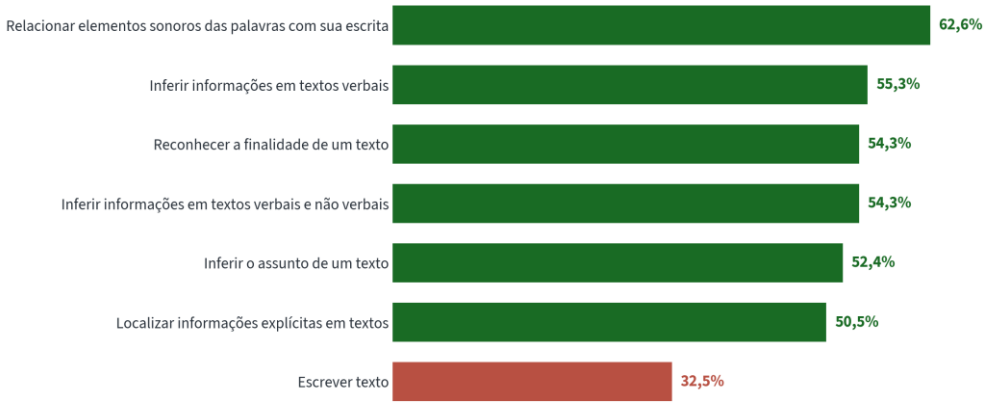


Fonte: SAERS

EVIDÊNCIA 6

O retrato de 2025 revela uma alfabetização incompleta. As crianças mantêm desempenho relativamente mais alto na relação entre sons e escrita (62,6%), mas escrever texto é o ponto crítico do estado: apenas 32,5% de acerto — o domínio do código não se converte em uso autônomo da linguagem.

GRÁFICO 6 Percentual de acertos por habilidade no 2º ano do Ensino Fundamental — SAERS 2025

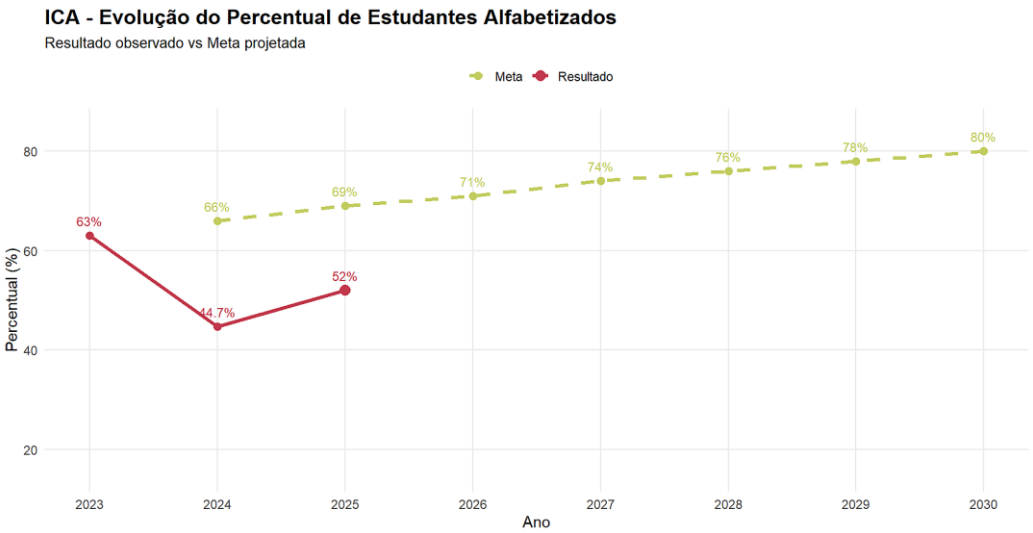


Fonte: SAERS 2025

EVIDÊNCIA 7

O estado se distancia da meta projetada. A trajetória observada do ICA descola-se progressivamente da meta: a queda de 2024 abriu uma lacuna que a recuperação parcial de 2025 ainda não fechou, exigindo ritmo de recomposição acima da tendência histórica.

GRÁFICO 7 Evolução do percentual de estudantes alfabetizados — resultado observado versus meta projetada (ICA)



Fonte: MEC/INEP — Indicador Criança Alfabetizada (ICA)

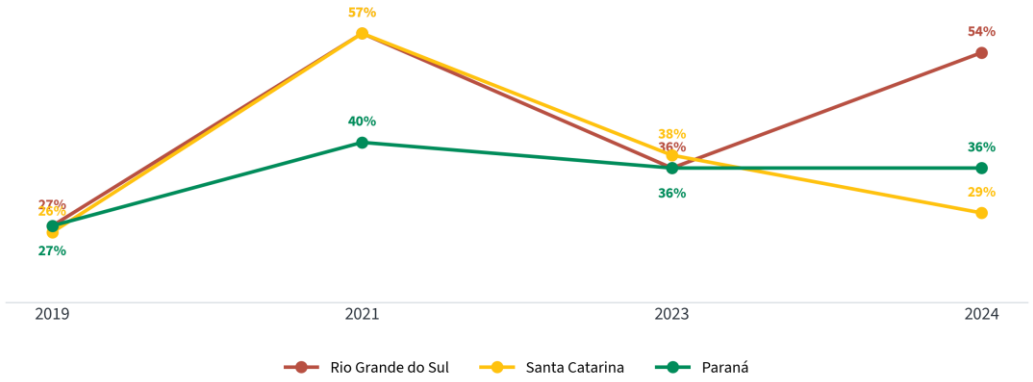
O paradoxo da percepção

As perdas objetivas de aprendizagem permanecem socialmente invisíveis para as famílias.

EVIDÊNCIA 8

O percentual de não alfabetizados disparou apenas no RS. Nos microdados padronizados, o percentual de crianças não alfabetizadas no RS salta para 54% em 2024, enquanto SC (29%) e PR (36%) seguem em queda ou estabilidade — a assinatura inequívoca do desastre sobre a aprendizagem.

GRÁFICO 8 Percentual de estudantes não alfabetizados no 2º ano do Ensino Fundamental — PR, RS e SC (2019–2024)

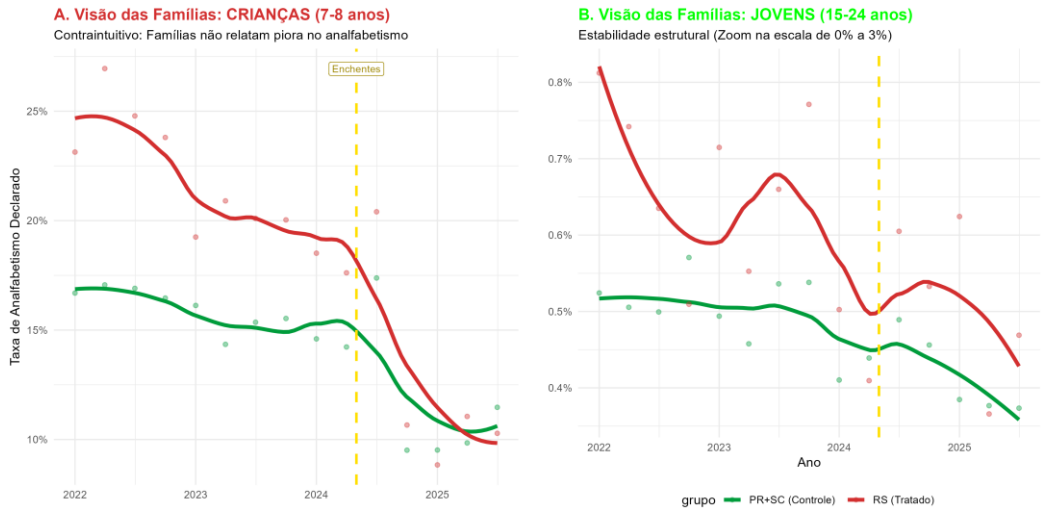


Fonte: Elaboração própria a partir dos microdados do MEC/INEP (Saeb)

EVIDÊNCIA 9

As famílias não perceberam a perda. Enquanto os dados oficiais registram queda de 18,7 pontos percentuais na alfabetização, a PNAD Contínua não capta aumento do analfabetismo autodeclarado — nem entre crianças de 7 a 8 anos, nem entre jovens. O modelo de diferenças-em-diferenças não identifica efeito na percepção domiciliar: avaliações medem o "efeito fluxo" da aprendizagem; a autodeclaração, o "efeito estoque".

GRÁFICO 9 **Percepção domiciliar de analfabetismo — crianças (7 a 8 anos) e jovens (15 a 24 anos), PNAD Contínua**



Fonte: Afonso (no prelo), a partir da PNAD Contínua/IBGE

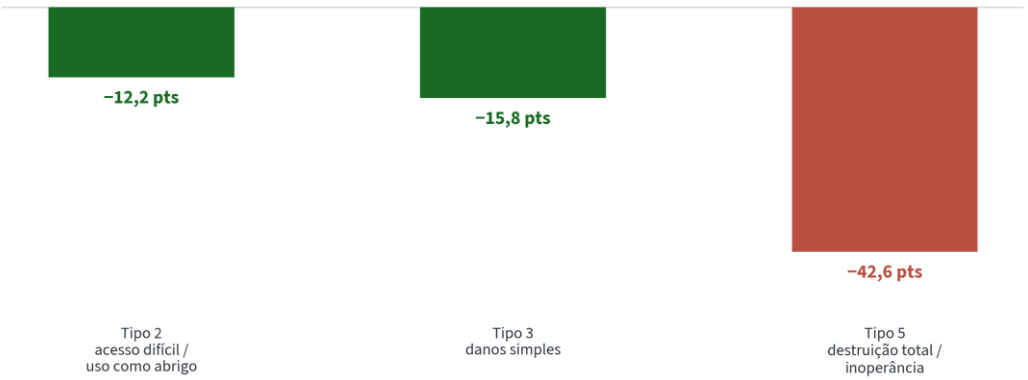
Desigualdades e territórios

O desastre somou-se às desigualdades existentes — e as intensificou.

EVIDÊNCIA 10

Quanto maior o dano, maior a perda de aprendizagem. Comparando escolas de mesmo nível socioeconômico, as perdas em Língua Portuguesa crescem com a gravidade do impacto: −12,2 pontos nas escolas Tipo 2, −15,8 no Tipo 3 e −42,6 pontos nos casos extremos (Tipo 5). Em Matemática, o efeito consistente aparece no Tipo 3 (−8,8 pontos).

GRÁFICO 10 **Perda estimada na variação do desempenho em Língua Portuguesa, por tipologia de impacto das enchentes — 2º ano do EF**

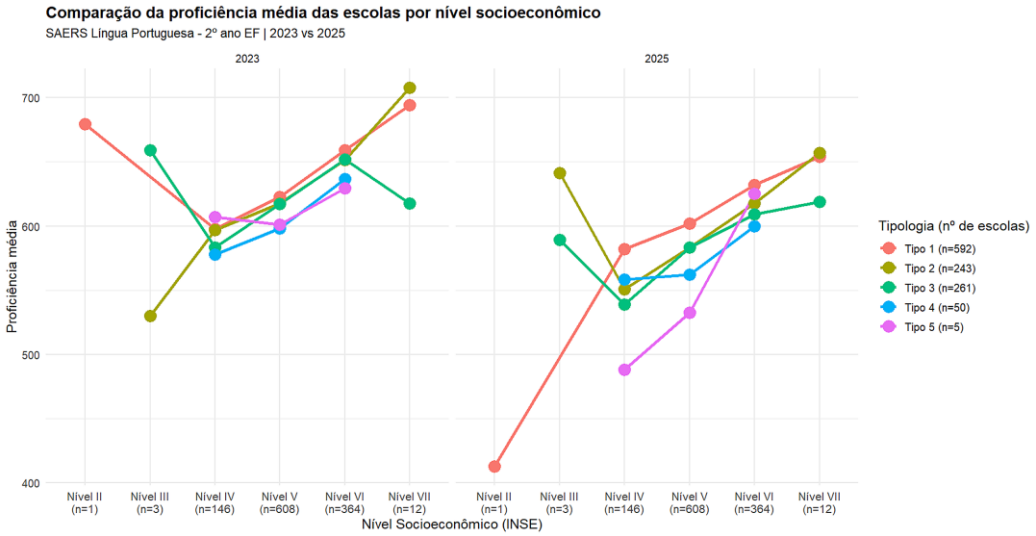


Fonte: Elaboração própria; tipologia de impacto conforme Barbosa e Costa (2025)

EVIDENCIA 11

O nível socioeconômico funcionou como escudo. Estudantes de estratos socioeconômicos mais altos (Níveis III a VII) apresentam variações de desempenho muito mais favoráveis — em Língua Portuguesa, vantagens superiores a 230 pontos na variação estimada em relação aos níveis mais baixos.

GRÁFICO 11 **Proficiência média das escolas por nível socioeconômico e tipologia de impacto — SAERS Língua Portuguesa, 2º ano do EF (2023 vs 2025)**

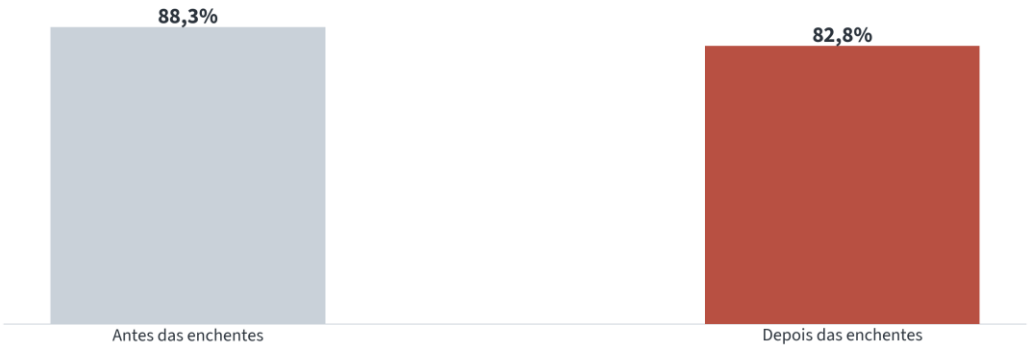


Fonte: SAERS; tipologia de impacto conforme Barbosa e Costa (2025)

EVIDÊNCIA 12

Nas áreas atingidas, o vínculo escolar também se rompeu. A participação dos estudantes nas avaliações caiu de 88,3% para 82,8% nas áreas mais afetadas — sinal de desvinculação associada à perda de moradia e ao deslocamento das famílias, que dificulta a recomposição da aprendizagem.

GRÁFICO 12 **Participação dos estudantes nas avaliações nas áreas mais atingidas pelas enchentes — antes e depois do desastre**

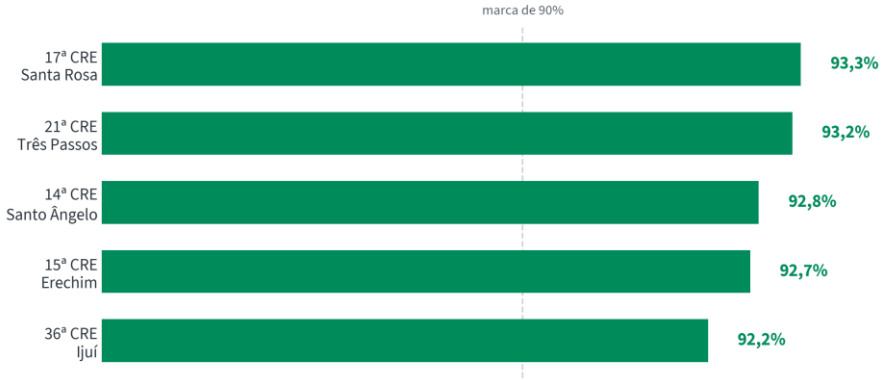


Fonte: Elaboração própria a partir dos registros das avaliações

EVIDÊNCIA 13

Mesmo na crise, há territórios de excelência. No Simulado SAEB de 2025, cinco CREs superaram a marca de 90% de estudantes em padrões adequados de desempenho — lideradas por Santa Rosa (93,3%), Três Passos (93,2%) e Santo Ângelo (92,8%). Estratégias pedagógicas e de gestão podem atenuar perdas mesmo em contextos adversos.

GRÁFICO 13 **Coordenadorias Regionais de Educação com desempenho adequado acima de 90% — Simulado SAEB 2025, 2º ano do EF**

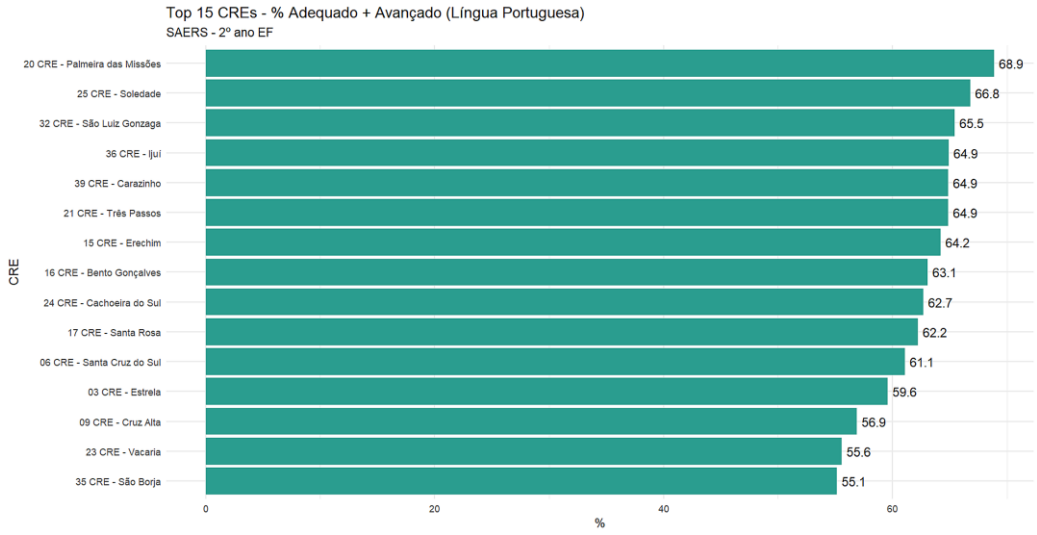


Fonte: Simulado SAEB 2025

EVIDÊNCIA 14

As CREs de melhor desempenho se repetem entre avaliações. No SAERS 2025, as mesmas regiões do noroeste do estado lideram o percentual de estudantes nos níveis Adequado e Avançado em Língua Portuguesa — com exceção de Santo Ângelo, todas as CREs em destaque no Simulado SAEB mantêm alto desempenho.

GRÁFICO 14 **CREs com maior percentual de estudantes nos níveis Adequado e Avançado em Língua Portuguesa — SAERS 2025, 2º ano do EF**

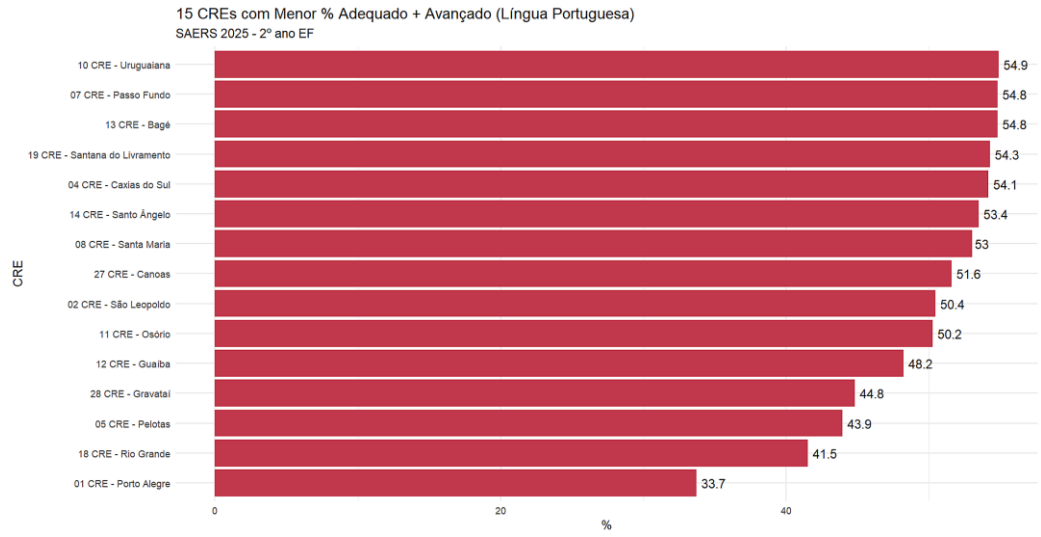


Fonte: SAERS 2025

EVIDÊNCIA 15

Os piores resultados coincidem com o mapa do desastre. Porto Alegre, Rio Grande, Pelotas, Gravataí e Guaíba concentram os menores percentuais de desempenho adequado — exatamente as regiões mais afetadas pelas enchentes de 2024, sugerindo relação direta entre o impacto do desastre e a queda educacional.

GRÁFICO 15 **CREs com menor percentual de estudantes nos níveis Adequado e Avançado em Língua Portuguesa — SAERS 2025, 2º ano do EF**

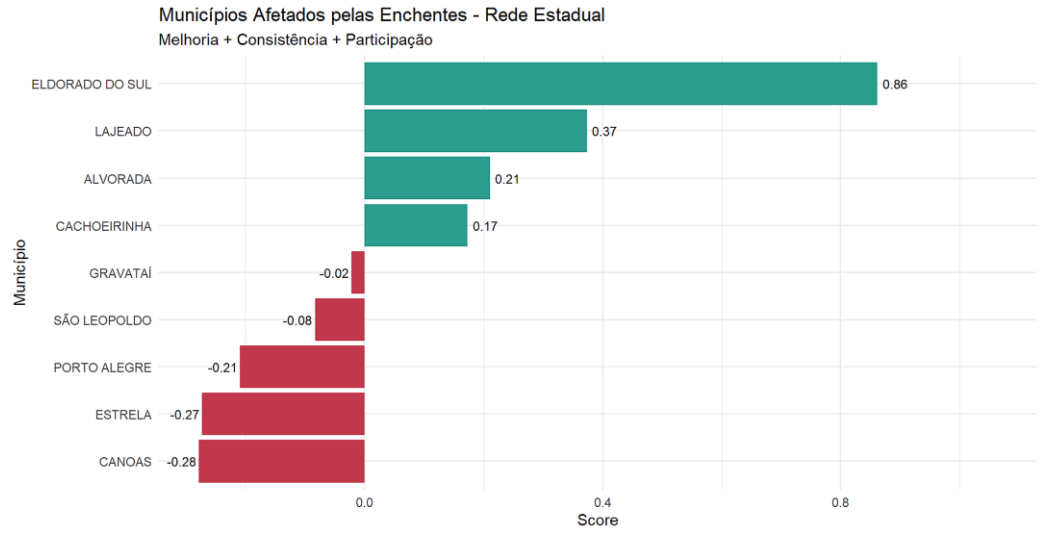


Fonte: SAERS 2025

EVIDÊNCIA 16

Entre municípios afetados, as respostas divergem. O índice de eficiência — que combina melhoria de habilidades, consistência e participação — separa municípios que reagiram, como Cachoeirinha na rede estadual, daqueles em que a recuperação ainda não engrenou, como Porto Alegre, o polo mais atingido.

GRÁFICO 16 **Índice de eficiência da recuperação nos municípios afetados pelas enchentes — rede estadual**



Fonte: Elaboração própria a partir do SAERS

CAPÍTULO 2

Conclusões

A alfabetização gaúcha sofreu um choque estratificado — e a recuperação não pode ser uniforme.

O conjunto das evidências caracteriza um fenômeno com três marcas decisivas para a política pública. Primeiro, o choque foi **estratificado**: as perdas crescem com a intensidade do dano e diminuem com o nível socioeconômico, que operou como fator de proteção. O desastre não criou desigualdades novas — amplificou as existentes, atingindo com mais força quem já aprendia menos.

Segundo, o choque foi **seletivo entre habilidades**: as competências básicas de decodificação resistiram melhor, enquanto compreensão e produção textual — as dimensões mais dependentes de mediação pedagógica e tempo de exposição — concentraram as maiores perdas. Recuperações limitadas ao domínio do código tendem a consolidar uma alfabetização incompleta.

Terceiro, o choque é **socialmente invisível**: as famílias não perceberam a deterioração da aprendizagem, o que fragiliza a sustentação social das políticas de recomposição. Alinhar evidência técnica e percepção pública é condição de efetividade — não um detalhe de comunicação.

A recuperação, portanto, precisa ser territorializada e proporcional ao dano: escolas das tipologias mais altas, em contextos vulneráveis, demandam intervenção mais intensa, sob risco de que as perdas se consolidem nas trajetórias escolares. Os territórios que atravessaram a crise com desempenho elevado mostram que gestão e pedagogia fazem diferença — e devem ser estudados como fonte de aprendizagem institucional para a rede.

CAPÍTULO 3

Recomendações

Organizadas por horizonte de implementação.

Curto prazo (até 1 ano)

- Priorizar a recomposição das habilidades de maior perda — compreensão e produção textual — nos planos pedagógicos de recuperação, evitando estratégias limitadas à decodificação.
- Direcionar reforço e recursos de forma proporcional à tipologia de impacto, com atenção imediata às escolas dos Tipos 4 e 5 em contextos de maior vulnerabilidade.
- Instituir busca ativa e monitoramento nominal de frequência nas áreas atingidas, para reverter a queda de participação e o rompimento do vínculo escolar.
- Comunicar às famílias, em linguagem acessível, o diagnóstico das perdas de aprendizagem e as ações de recuperação, enfrentando o paradoxo da percepção.

Médio prazo (1 a 3 anos)

- Integrar ICA, SAEB e SAERS em rotina única de leitura pela gestão — indicador sintético, escala comparável e decomposição por habilidade — para orientar intervenções precisas por escola e turma.
- Estruturar programa estadual de recomposição da produção escrita nos anos iniciais, com formação docente específica e materiais dedicados.
- Documentar e disseminar as práticas das CREs e municípios de alto desempenho e de recuperação eficiente, convertendo resiliência territorial em política de rede.
- Incorporar o nível socioeconômico como critério estruturante de alocação de recursos pedagógicos, e não apenas como variável de contexto.

Longo prazo (3 a 6 anos)

- Construir resiliência climática do sistema educacional: planos de contingência pedagógica, protocolos de continuidade do ensino e infraestrutura preparada para eventos extremos.
- Consolidar o SAERS censitário como instrumento permanente de gestão pedagógica, com devolutivas rápidas às escolas por habilidade.
- Estabelecer metas de alfabetização com trajetórias de recuperação diferenciadas por território, monitoradas publicamente até o fechamento da lacuna frente à meta projetada.

Medidas estruturais

- Institucionalizar a alfabetização como prioridade sistêmica de política de Estado, articulando gestão, escola, famílias e proteção social.
- Integrar as políticas educacionais aos sistemas de defesa civil e assistência, reconhecendo que a garantia do direito à alfabetização depende da continuidade pedagógica em contextos adversos.
- Manter agenda contínua de pesquisa e avaliação sobre os efeitos de choques exógenos na aprendizagem, combinando dados administrativos, avaliações e percepção social.



GOVERNO DO ESTADO
RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO



CEBE Centro de Educação Baseada em Evidências